

Discurso do Aluno Finalista do ano lectivo 2011/2012

JOEL FERNANDES ARAÚJO

*Exmo. Senhor Ministro da Administração Interna,
Exmo. Senhor Secretário de Estado Adjunto do Ministro
da Administração Interna,
Exmo. Senhor Secretário Geral do Sistema de Segurança Interna,
Exmo. Senhor Director Nacional da Polícia de Segurança Pública,
Exmo. Senhor Director do Instituto Superior de Ciências Polícias
e Segurança Interna,
Caríssimos Colegas,
Minhas Senhoras e meus Senhores,*

Em nome dos Aspirantes que hoje terminam o XXIV Curso de Formação de Oficiais de Polícia começo por vos saudar. A vossa presença enaltece sobremaneira esta cerimónia tão importante para a nossa Instituição e, em especial, para a vida de cada um dos finalistas aqui presentes. Profundamente gratos.

Hoje é o dia pelo qual o XXIV Curso de Formação de Oficiais de Polícia esperou desde o dia 1 Outubro de 2007. Assinalamos, hoje, o culminar de 5 anos de estudo, trabalho, dedicação e companheirismo cujo resultado é insofismavelmente profícuo.

“Hodiernamente vivemos tempos difíceis e não sabemos o amanhã”, eis o pensamento de muitos de nós.

Todavia, permitam-me então que vos diga que têm à vossa frente uma “geração de esperança”. Homens e mulheres que, conscientes da realidade, acreditam que vale a pena integrar os quadros da Polícia de Segurança Pública. Homens e mulheres que, cientes da dificuldade do Presente, não só têm esperança num amanhã melhor, como querem ser edificadores desse amanhã!

Conforta-nos saber que não estamos sozinhos nesta construção, a todos os que nos precederam, nos juntamos agora na responsabilidade de ao longo do nosso trilha, com trabalho, lealdade e dedicação darmos à sociedade uma Polícia profissional, eficaz e eficiente, e acima de tudo, justa.

Os cidadãos e o país podem contar connosco. Podem contar com a nossa dedicação, empenho e vontade em sermos vectores de mudança da nossa sociedade, pese embora as limitações que nos estão adstritas. Contem dessa forma com as nossas imperfeições, resultado visível apenas em quem arrisca, em quem trabalha com afinco e não vira as costas aos problemas, não fossemos nós humanos.

Acreditem que, principalmente nesses momentos, confortar-nos-ia saber que podemos contar com o vosso apoio, conselhos e orientações de forma a suprir as fraquezas naturais, fruto da inexperiência de alguém que humildemente abraça uma causa.

Não podíamos deixar de assinalar a preponderância daquela que tem sido e há-de ser, sempre, a nossa casa-mãe – O Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna. Escola única e singular cuja formação eclética ministrada é referência impar no âmbito das ciências policiais. Aos Oficiais, Chefes, Agentes, Professores, elementos do quadro orgânico e pessoal com funções não policiais aqui colocados. A todos, a nossa singela gratidão.

Uma palavra de apreço e reconhecimento aos nossos familiares e amigos que aqui se encontram, não olvidando os que pelas mais diversas razões aqui não podem estar. O nosso sucesso também se deve a vós, à vossa compreensão, dedicação e incentivo. A todos, o nosso mais profundo bem haja.

Agora permitam-me, porque é a nossa cerimónia, umas palavras para os Aspirantes.

Chegámos ao fim.

Ao fim da nossa formação base e ao início da nossa vida profissional. Terminar o Curso de Formação de Oficiais de Polícia significa a génese de uma vida cheia de responsabilidades e desafios.

A conjuntura actual reserva-nos um futuro incerto mas certamente complexo e trabalhoso, repleto de obstáculos que teremos de ultrapassar.

Com uma sociedade cada vez mais crítica e implacável para com a Polícia, apenas existe uma resposta da nossa parte – *profissionalismo*.

A mediocridade, o amadorismo e as acções irreflectidas não podem ter lugar na nossa “*mui nobre*” Instituição pois, em tudo se apresentam como antagonismos à real missão da Polícia de Segurança Pública.

É inegável que cada um dos elementos que enverga a farda da PSP constituiu-se, por si só, um embaixador da própria Instituição.

Nesta parada, onde formámos inúmeras vezes, encontramos-nos rodeados pelas virtudes eleitas como as fundamentais para um oficial de Polícia. Estes valores, cravados nos 18 pilares destes claustros cuja escolha do local não foi inocente, simbolizam os valores basilares enquanto suporte da nossa actividade. Teoricamente, parece fácil mas na realidade requer muito esforço e dedicação para que os tenhamos sempre presentes.

Sermos rigorosos no cumprimento da nossa missão constitui-se como uma virtude. Mas, o rigor terá que se impor primeiro a nós próprios e só, posteriormente, aos outros. Sermos cegamente subservientes nem sempre se coaduna com os valores aludidos. Devemos ser íntegros e obstinados a promover o que está correcto e deve ser feito e, temos de apontar, dentro do respeito indispensável, o que se apresenta de forma menos positiva, só assim podemos evoluir e dar resposta cabal às carências da sociedade.

Relembro que, tal como um puzzle apenas tem sentido com todas as peças, independentemente da posição e do tamanho, também a nossa Instituição apenas evoluirá quando reconhecermos o valor único e insubstituível de cada um dos elementos que a constituem, independentemente da categoria ou função. Porque a Instituição são as pessoas.

E porque é feita por pessoas, as opiniões divergentes sempre existirão, mas isso não poderá constituir, por si só, motivo suficiente para que nos abstenhamos de decidir. Pelo contrário, é imperioso decidir. No entanto, devemos fazê-lo em consciência, segundo valores virtuosos e em concordância com os princípios sagrados orientadores da actividade policial. O respeito integral pelos direitos fundamentais pessoais deve constituir-se como estrela polar nas nossas condutas.

Termino, usando as palavras dum distinto professor e oficial nesta casa, muito prezado pelo nosso Curso:

“A Polícia dos Estados de Direito e Democráticos, como o Estado português e a Polícia portuguesa, deixaram de ser os instrumentos ou braços visíveis do poder político instituído e passaram a ser a face visível da materialidade do poder «do povo, pelo povo e para o povo». É este desiderato que se impõe a todos nós, ou seja, que sejamos todos a face visível da democracia” (VALENTE 2009: 108-109).

Disse.

